

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CERÂMICA ESTRIADA.

BLANCE, Beatrice

Ano: 1959 | Número: 69

---

### Como citar este documento:

BLANCE, Beatrice, Cerâmica estriada. *Revista de Guimarães*, 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 459-464.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Cerâmica estriada

Por BEATRICE M. BLANCE, M. A., F. S. A. Scot.

Em diversos lugares, situados especialmente em redor do estuário do Tejo, tem sido encontrados certos vasos de um tipo especial de cerâmica estriada, ou canelada, assim designada devido à sua decoração feita por meio de caneluras ou sulcos bem marcados. A forma mais característica destes vasos—se merece confiança a reconstituição feita por Marques da Costa (1)—é a de uma vasilha de base pequena, que vai alargando gradualmente para a parte superior e se encurva de repente, para terminar num estreito bocal, acusando o bojo o seu maior diâmetro quase à altura da linha do bordo. A decoração é limitada a uma larga banda que, partindo do bordo, ultrapassa a zona de maior diâmetro, e é constituída geralmente por linhas paralelas horizontais, das quais pendem triângulos preenchidos com traços oblíquos, etc. A cor característica dos vasos é o vermelho escuro, e a sua superfície brunida.

É interessante notar que a distribuição desta cerâmica está particularmente circunscrita à área do estuário do Tejo e da Península de Lisboa, tendo sido encontrada em lugares como Vila Nova de S. Pedro, S. Martinho, Liceia, S. Mamede, Bragança, Rotura e Chivanes; todos esses vasos apresentam uma notável semelhança,

---

(1) Marques da Costa, «Estações Prehistóricas dos arredores de Setúbal.» *O Arch. Port.* XI. p. 47 e fig. 246. Lisboa 1906.

não só na forma e decoração, como na aparência da pasta e sua contextura. Resolvemos, portanto, recolher algumas amostras provenientes de vários sítios, para verificarmos, pela análise ao microscópio, se realmente a pasta seria ou não a mesma em todos eles. Se o resultado fosse afirmativo, isso nos indicaria que toda esta cerâmica tinha sido trabalhada com o mesmo barro, e, conseqüentemente, poderíamos concluir que tais vasos tivessem sido fabricados no mesmo local.

Um exame posterior de outros vasos procedentes desta região revelou-nos o facto de a pasta empregada em certa cerâmica chamada «de importação» <sup>(1)</sup>, da fase mais antiga da Idade do Bronze em Portugal, não ser diferente da pasta dos vasos da cerâmica canelada, não obstante tais tipos cerâmicos pertencerem a dois períodos diversos. Desta cerâmica importada, a melhor conhecida é a de Vila Nova de S. Pedro <sup>(2)</sup>, que foi encontrada na base do estrato Vila Nova I, devendo por conseguinte datar da mais antiga ocupação humana do lugar; mas a cerâmica estriada ou canelada, que também aparece nesta estação, tem sido sempre ali encontrada nos níveis superiores. Ora os vasos a que Afonso do Paço e Sangmeister chamaram «cerâmica importada» (*Importkeramik*) não foram necessariamente assim classificados porque na verdade houvesse provas concretas disso, mas simplesmente pela sua afinidade com a cerâmica do período neolítico do Mediterrâneo Oriental. É ela caracterizada pela forma cilíndrica dos vasos, com bases mais ou menos curvas, ou pelas singelas taças de paredes delgadas e superfície muito polida, frequentemente brunida e ornamentada com tracejado em espinha (*stroke burnished*), manufacturadas com pasta fina e de cor vermelha ou preta.

(1) A. do Paço e E. Sangmeister, «Vila Nova de S. Pedro — eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal». *Germania* 34. Heft 3-4. p. 211-230, especialmente p. 222. Frankfurt 1956.

(2) *Ibidem* e A. do Paço, «Castro de Vila Nova de S. Pedro. X» *Anais da Academia Portuguesa da História*. II série, vol. 8, p. 57. figs. 5-7.

Decidimo-nos, portanto, a incluir também um fragmento desta cerâmica nas amostras destinadas ao exame, para verificarmos se a sua pasta seria igualmente a mesma que a usada na cerâmica estriada, pois, se assim fosse, isso nos habilitaria a considerar esta cerâmica fabricada também em Portugal, como, sem a menor dúvida, se concluiu sobre a origem dos fragmentos da cerâmica estriada. Se as pastas fossem diferentes, poderia ainda, nesse caso, o barro ter vindo de qualquer outro lugar de Portugal, ou então os próprios vasos terem sido, de facto, importados.

Oito fragmentos foram escolhidos para exame, entre os quais três de cerâmica canelada, respectivamente de Pragança, Chibanes e Rotura, amavelmente cedidos para o efeito pelo Prof. Dr. Manuel Heleno, Director do Museu Etnológico do «Doutor Leite de Vasconcelos», sendo os cinco restantes de diversos tipos de cerâmica estriada, e ainda um fragmento da chamada cerâmica de importação de Vila Nova de S. Pedro, que nos foi fornecido pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço.

Encarregou-se do exame microscópico destes exemplares o Prof. Dr. Frechen do «Mineralogisch-Petrologisches Institut» e do Museu da Universidade de Bonn, bem conhecida autoridade no exame de barros cerâmicos, ao qual se devem igualmente numerosos e interessantes estudos sobre material arqueológico.

Ao apresentar-nos o seu relatório, o Dr. Frechen salientou que a experiência lhe tem fornecido melhores resultados, quando obtidos de um estudo dos minerais e da parte arenosa formada por minúsculas partículas de pedra, constitutivas do material consolidante da pasta, do que do estudo do barro e dos minerais nele contidos, visto aquelas partículas serem muito menos afectadas pela acção do calor do fogo.

O estudo microscópico dos fragmentos revelou que todos eles continham os mesmos minerais e as mesmas partículas arenosas, diferindo apenas, nas diversas amostras, as proporções de cada mineral e das partículas de pedra. Eram, porém, tão insignificantes essas diferenças, que todos podiam ser considerados como procedentes da mesma origem. O Dr. Frechen identificou os seguintes minerais: quartzo, ortoclase, plagioclase, biotite, hornblende.

lenda verde, hornblendas castanha, piroxena verde, magnetite, apatite, titanite, zircónio e finas partículas de granito e sienito, que foram encontrados em todas as amostras, contendo também um fragmento de Chibanes alguns vestígios de traquito.

Em face deste estudo, o Prof. Frechen considerou-se habilitado a classificar as partículas de granito como biotite-hornblenda-granito, e também possivelmente como biotite-hornblenda-grandiorito. A piroxena verde e a hornblenda castanha foram encontradas juntas nas partículas de sienito, o que levou a classificar este composto como hornblenda-piroxena-sienito. Todas as espécies minerais encontradas na cerâmica existiam igualmente nas partículas arenosas, e assim pode deduzir-se que não só os minerais como a areia são procedentes do mesmo granito e sienito. A proporção das espécies minerais na cerâmica é sensivelmente a mesma que nas partículas finíssimas de pedra, e nenhum mineral aparece que não seja revelado no granito e no sienito. O facto de tanto os cristais de mineral como as partículas de pedra apresentarem sempre arestas vivas levou o Prof. Frechen a concluir que todos esses elementos pouco, ou mesmo nunca, tivessem sido arrastados pela água. De tudo isto ele deduziu que as matérias encontradas na cerâmica procedem de uma área onde se encontra granito e sienito juntamente. Supõe o Prof. Frechen que o lugar de onde, com mais probabilidades, terá origem o material empregado no fabrico desta cerâmica será a região que fica perto do Cabo da Roca, a O. NO. de Lisboa, na qual, além do granito e do sienito, existe igualmente o traquito, sendo também esta área a mais provável, considerada geograficamente. As regiões graníticas de Évora, Portalegre e do Norte de Portugal, acrescenta ele que não podem ser tidas como prováveis focos de produção do material desta cerâmica, visto em nenhuma dessas áreas aparecer o sienito nem o traquito, sendo por outro lado ali vulgar o xisto cristalino. E nos fragmentos cerâmicos analisados não foram encontrados vestígios de xisto.

Do resultado deste exame se conclui que tanto os vasos da referida cerâmica tida como «importada», como os da cerâmica canelada foram trabalhados com os

mesmos barros, e, por consequência, todos eles de manufatura portuguesa.

O facto de a pasta desses fragmentos ser igual em todos eles indica também que todos são procedentes da mesma área—facto este já para suspeitar em face da uniformidade do estilo, decoração e desenhos da cerâmica com caneluras; ou então que o barro teria sido levado do Cabo da Roca aos vários locais, e as vasilhas aí manufacturadas. Mas quer os vasos fossem fabricados no Cabo da Roca, quer somente o barro de lá viesse, isso mostra-nos claramente uma extensão de relações comerciais estabelecidas, por exemplo, até Pragança, Vila Nova de S. Pedro e Rotura. Este factor é evidentemente importante como prova das ligações entre estes lugares, podendo fornecer-nos dados cronológicos se a sua data puder ser fixada com alguma precisão. Seria interessante sabermos também se a cerâmica cozida ao forno, de Vila Nova de S. Pedro (1), pertence igualmente a esta mesma classe, o que nos levaria a presumir que o barro fosse transportado e as vasilhas fabricadas em vários lugares; como seria igualmente interessante conhecer se o povo que explorou esse barro deixou algum rasto das suas actividades na região do Cabo da Roca.

Os resultados deste estudo indicam que a cerâmica canelada ou estriada, da Idade do Bronze, é com frequência (nem sempre, evidentemente) feita do mesmo material. Torna-se indispensável, a seguir, um estudo no sentido de se esclarecer se o produto provém de uma oficina determinada, ou de vários locais. Mas, seja qual for a solução do problema, o certo é que as localidades citadas tiveram entre si contactos comerciais durante a Idade do Bronze. Quanto ao facto de a mais antiga cerâmica, dita importada, de Vila Nova de S. Pedro ter sido também manufacturada com o mesmo material, indica que a exploração do barro começou em tempos remotos e se prolongou, pelo menos, durante o período da cerâmica estriada.

---

(1) A. do Paço, «Castro de Vila Nova de S. Pedro. IX». *Revista de Guimarães*. Vol. LXVII. p. 5-16. Guimarães 1957.

Para terminar, não queremos deixar de exaltar aqui o nosso agradecimento ao Tenente-Coronel Paço, aos Professores Heleno e Frechen, pela sua amável cooperação neste estudo, e ao Coronel Mário Cardozo pela versão deste artigo para a língua portuguesa.